

DIÁRIOS CRUZADOS: O ANO DO RATO E A CIDADE VIRULENTA

Eduardo Lanius¹

edwardlanius@gmail.com

Ana Paula Vieceli²

anavieceli@hotmail.com

Buscando sustentar a distância e o isolamento impostos pela pandemia de Covid19, demos início ao cultivo de um diário virtual em um arquivo compartilhado na rede, para criar um espaço de resiliência ativa, afim de enfrentar o intempestivo com palavras. Os trechos do diário, escrito à quatro mãos, aproximam as cidades de São Leopoldo e Pelotas, e foram compostos quando do início da quarentena, revelando o momento cheio de angústia e incerteza.

14 de março

[Ana] Desde ontem estou tentando entender esse desconforto. O Oráculo dos Orixás mostra a aldeia em chamas. É a morte dando sinal em narrativas de pedras urbanas. Os sonhos povoados de sombras. E eu, silêncio. Cativa do deslugar, desligando os passos, pressão baixa, calor, saudade, sono, coronavírus, Nostradamus, saúde coletiva, epidemiologia, Pelotas, Jornal Nacional, Bolsonaro, Estética, cigarro, Atelier Vertical, Arcanos Urbanos, Spotify, miojo. A responsabilidade social prova que vem só quando a água bate na bunda individual, até lá o *modus operandi* é o do descaso. Eu sei lá essa humanidade. Eu sei lá eu! Que ontem mesmo estava usando banheiro público e lamentando a minha inerte desinteligência sanitária. Como atravessar esse deserto? Foi o que tentei responder o dia todo, mas dormia a cada meia hora, cansada de pensar o mundo. Pandemia.

¹ Isolado em São Leopoldo-RS. Bacharel em Design pela FEEVALE, encantador de sapos e flanelinha de *layout*.

² Isolada em Pelotas-RS. Arquiteta Urbanista, Doutora em Arquitetura pelo PROPARG-UFRRGS, Professora Substituta na FAURB/UFPEL, germinadora de sementes e aprendiz de *Yutuber*.

18 de março

[Edu] Da minha janela de *home office* tenho essa visão geral de território, lanço olhar pros lados de Novo Hamburgo, e tudo parece ainda tão bonito de cima. A natureza tá nem aí pra nós e eu só penso agora se vou render como trabalhador de cuecas, e se o álcool borrifado vai mesmo me isolar da merda.

[Ana] Hoje são 300 casos confirmados no país. 19 no RS. E eu aqui, me sentindo culpada por estar chateada com a rejeição de meu artigo numa revista que se chama V!RUS. Mas é o outro vírus o que mais preocupa. Sars-Cov-2, essa maquininha molecular, que entra no corpo pelo nariz, boca, olhos, e se liga às células das vias respiratórias. Milhões e milhões de cópias de vírus infectam novas células ou se depositam em gotículas que se espalham assim que o corpo infectado tossir ou espirrar. Então vem a febre, a tosse e a dificuldade em respirar. Em casos mais graves vem a pneumonia, insuficiência respiratória aguda grave, falência de vários órgãos e morte. Não há vacina.

19 de março

[Edu] A sensação de calamidade pandêmica é nova para a nossa geração. Mas essa guerra invisível é tão absurda quanto natural.

Me incomoda não poder coçar a barba, ou enfiar um dedo ousado no nariz e arrancar de lá um tatu seco ou ainda aquela boa coçada de olho que faz o rosto voltar pro lugar nos momentos de sono proibido. É tanto álcool que a casa está tão perigosa de explodir quanto um posto de gasolina. Ainda bem que não fumo. Pode ser que o nível de paranoia esteja alta, mas, enquanto parece absurdo lavar as chaves de casa com água e sabão, sei que é exatamente isso que tenho que fazer – ainda que eu não consiga imaginar o sabão agindo em escala tão diminuta, contra uma coisa que nem mesmo é considerado ‘ser vivo’ em consenso. Apesar da polêmica vivo/não-vivo, uma coisa é certa: o vírus tem *conatus* forte, coisa que tem em comum comigo ou com qualquer outro ser-vivo. A vontade de perseverar na existência.

Bota aquele repolho na mesa, não, na pia! Tá vendo aquela sacola? Pega pela base, bota aqui que vou passar uma água na garrafa de coca antes de guardar na geladeira. Preciso me lembrar de não tomar ela no bico. O repolho tá nojento, vamos tirar essas folhas aqui pra livrar do contato humano. Pode botar as sacolas todas no lixo. É, pode botar ali. Tá, agora vai lá. Lava bem os dedos. Borrifá a maçaneta ali pra mim. Hoje lembrei o quanto desdenhei, no início da epidemia, desse vírus. Quanta mudança. Parecia distante, mas o mundo tá bem perto. Sabe que pensei? Vamos tirar o tapete por enquanto, parece que tô vendo os coronas agarrados na fibra, tá nojento e perigoso. Vamos enrolar essa merda. Isso, nossa, a sala tá vazia. Foda-se, é assim agora.

Medidas, medidas, vamos de medidas. Já não sei a medida. Só vou tomar um banho e depois voltar pro trabalho que, há dois dias, tá sendo no meu quarto. Cueca e farelo na barriga, ouvido atento no noticiário e uma procrastinação crônica incurável aliada a um diagnóstico de impaciência e vontade de deitar na cama a cada *save as*. *Save your ass* disso tudo.

[Ana] Hoje são 500 casos confirmados no país. E enquanto eu lia sobre a Internacional Situacionista, tivemos a primeira morte. Um minuto de silêncio.

20 de março

[Ana] É madrugada. 621 casos confirmados no país. 7 mortes. 7 minutos de silêncio. 37 casos no estado, 10 cidades gaúchas e 1 presidente que, deixando um rastro de indiferença pela morte, parece dizer, enquanto usa a máscara alegórica nos olhos: CORONAVIRE-SE!

Avança o vírus, a quarentena se mostra urgente. E quanto demora essa consciência bater! Primeiro se acredita demais que o Oriente é outro planeta. Aquilo que é catástrofe para o outro não é problema nosso. Depois a Europa – nossa! – um oceano que nos separa. Mas esquecemos de fazer os cálculos, esquecemos de levar a sério, a natureza daquilo que só vive porque se multiplica rápido e é mutante. A crise é sim ecológica. Ninguém presta atenção no cientista. Vale mais a palavra do pastor, do político obscurantista. Até que um dia a morte bate em sua porta, ameaça seus entes queridos, os mais velhos e os doentes, os que demoram a entender o perigo. Os profissionais da saúde são os novos soldados e vão seguir se expondo ao invisível mortífero. Enquanto isso, as pessoas estocam papel higiênico, o álcool gel desaparece das prateleiras. E na Itália, só hoje, foram 400 mortes. Eu passo a madrugada num quartinho pequeno, iluminado por luzes quentes de abajures, assistindo notícias e reprises de notícias. Tento ler. Mas volto sempre a ver o jornal. Minhas costas doem. Tenho comida estocada na despensa. Mesmo com todos os cuidados, pode ser que não seja o bastante. Tomando banho me perguntei se seria possível que a água da cidade se contaminasse com coronavírus e infectasse todo mundo duma vez só. Imaginações de quarentena... e o pior cenário possível: pessoas no Rio de Janeiro, nas favelas, sem água para lavar as mãos.

“Olá, devido as paralisações de fornecedores e empresas de transportes devido a epidemia (COVID-19) que se instalou no Brasil e no mundo, tivemos problemas em estoque e seu pedido será cancelado e feito reembolso do valor, obrigado.”

Enquanto isso os números já subiram na madrugada. As fronteiras vão fechando, o comércio também. Há decretos nas cidades, nos estados, e planos nacionais. A surpresa

paralisa. O homem resiste em se preparar para a catástrofe. Ele não tem sequer a imaginação da catástrofe. Sem poder imaginar ele não pensa. E não age. Ele resiste pelo hábito. Ele não quer largar o osso da normalidade. É difícil quebrar o hábito. É muito difícil.

[Edu] A angústia e a incerteza hoje subiram tanto quanto a curva ascendente do contágio. Como um avião que vai subindo e subindo até estabilizar numa rota de cruzeiro, reta e segura, onde nos acostumaremos com o anormal que será o novo normal.

Do sono da tarde tranquila, o que sobrou foram esses picos malucos de ansiedade sacudindo a cama macia, o computador, a internet, os mimos de mãe e os memes. Zonas de conforto descartáveis. Descartáveis como luvas e máscaras. Zonas mutantes como os vírus e adaptáveis como os anticorpos que ainda não temos, feito *plugins* baixados mas ainda não instalados – e quem é que um dia acreditou no Avast? – Acredito nos quase 300 casos diários que pipocam aqui e ali.

P.S. Fui fazer a pipoca e escutei risadas vindo de uma casa da rua. Pulei de susto com um megafone que berrava CORONGAVIRUS! CORONGAVIRUS! Algumas luzes se acenderam das casas próximas e as risadas continuaram. Sextou.

21 de março

[Ana] Na madrugada, a manchete do jornal destaca: o Brasil tem 904 casos e 11 mortes. Uma amiga me telefonou e descobri que está com sintomas, febre, dor no pulmão, isolada em casa. NINGUÉM MORRE! Estão proibidos de morrer! São Leopoldo apareceu no mapa hoje, afinal, *Deus não se esqueceu de São Leopoldo* na hora do flagelo. O Estado entrou em situação de transmissão comunitária nesta sexta, e agora o vírus é nosso. Sobe para 56 o número de casos no RS.

São 17:42. Em Encantado já há testemunhos de carro de som com toque de recolher. E eu pensando no pangolim, no morcego e na cobra, que fizeram o favor de abrir a ponte do vírus para o humano demasiado humano devastador de florestas e ecossistemas. Tomei um banho terapêutico com sabonete Phebo. Assisti menos jornal e aceitei que os números vão subir mesmo que eu não veja ao vivo na tv. Avancei nas minhas leituras, mas minha atenção estava meio lateral. Viral.

[Edu] Abro o Netflix e acabo assistindo filmes coloridos sobre a Segunda Guerra Mundial.

22 de março

[Ana] 3:34 da madrugada. A matemática está dizendo: ficaremos no exílio até, pelo menos, AGOSTO. O inverno virá, o inverno VIRAL. Eu tô com medo do frio úmido de Pelotas.

MEUDEUSDOCÉU! Lajeado e Estrela já tem casos confirmados! SOCORRO VALE DO TAQUARI! Proteja-se Encantado... proteja-se família! Proteja-se muito! Momento desespero: Eu vi a *live* do biólogo Átila Iamarino. É assustador perceber que a nossa vida já mudou e não tem volta. Meus pais lá no interior, quem vai fazer mercado pra eles? Eles vão se infectar. Eu tô muito nervosa tentando falar pro pai encontrar alguém que possa levar comida pra eles não saírem. Não saiam de casa! Chorei. Tremi. Eu dei um soco na mesa e disse NÃO! Eu não vou deixar eles morrerem! NÃO!

Os números sobem sem parar. E lembro que olhar os números é como olhar as estrelas no céu. Quando olhamos para eles, estamos vendo o passado. Quem é que, a final, está pronto para o apocalipse quando ele chega? Isabelle Stengers estava muito certa, o tempo das catástrofes é real. É muito real.

E como se não bastasse uma pandemia, nessa manhã: TERREMOTO NA CROÁCIA.

23 de março

[Ana] Dopamento. Rivotril. Sol da tarde. Óculos escuros. Pátio do manicômio pessoal. Café preto. Cigarros. Secretarias Estaduais de Saúde contabilizam 1.629 infectados em todos os estados do Brasil. Foram registrados 25 mortos, 22 deles no estado de SP. E 90 casos confirmados de coronavírus no estado. 1 deles em Rio Grande. CHEGOU AQUI DO LADO.

Atotô Obaluaê! Orixá da saúde! Espirrei há 10 minutos atrás e já limpei as superfícies com cloro.

[Edu] Essa noite sonhei que estava com você em Bacupari. Foi um sonho lindo. Era sereno, tinha muita paz, e uma conexão com a natureza muito bonita e nós estávamos em harmonia. A água era bege e cristalina, ficamos tão felizes que não havia ninguém ali. Lembro de muitos sorrisos. Dois cães vira latas saíram de dentro da mata e vieram ao nosso encontro, na água. Ficaram conosco, aquela boca aberta, que é sorriso de cachorro, numa felicidade. Isso era o sonho. Quando acordei chorei de saudade, chorei por ter tido um sonho de liberdade e natureza.

Passei o dia com isso na cabeça, mas muito tenso. Medo do contágio, medos súbitos. Ansiei pela noite. Chorei no banho. Deitei e assisti Tom e Jerry que descobri num DVD. Só queria conforto mesmo, de infância. Não chorei mais.

[Ana] Que sonho lindo! Não chore mais. Lembro dessa água de Bacupari, lembro que entramos naquela floresta e ela era encantada, cheia de borboletas enormes azuis prateadas. Havia barba de pau clara, caindo cacheada das árvores. E a luz que vazava era digna de filme de fantasia.

24 de março

[Ana] Paradoxo do coronavírus: o vírus que deixa as pessoas sem ar trouxe um pouco de ar puro para o mundo.

Reflexões da madrugada: *Spiritus*, o espírito, o sopro, o respirar. O SARS-CoV-2, um vírus, um ser que não tem células, – e que, portanto, é muito diferente/distante de nós na evolução – nos atinge justo no respirar. É o *spiritus* do humano que padece de COVID-19. É o espírito enfeitiçado pelo capitalismo predatório que está doente. Biologicamente, a terra produziu para nós uma falência respiratória como quem manda uma chance de pensar/sentir as nossas próprias falências enquanto seres terrestres. Para a terra, também agimos como vírus. Se tudo está ligado pela contínua duplicação de células, e se somos filhos desse planeta, é hora de inventar modos mais conectados de habitar a terra. O mercado não vai regular a pandemia.

Pronunciamento do Bolsonaro HOJE.

[Edu] E, por coincidência, o computador se infectou com um vírus teimoso, que nem o antivírus que eu tinha conseguiu arrancar. Tive que fazer isso com minhas próprias mãos depois de muito devassar as entranhas do sistema. Era o mesmo vírus que inflige, entre tantos sintomas, aquele *Anysearch*, irritante pra caralho que, por coincidência, tinha sofrido uma mutação. Pandemias. Que deus te elimine, bem antes de mim. Não você, *Anysearch*, que já se foi. Falo do Bolsonaro mesmo.

25 de março

[Ana] E voltamos aos números da manhã: confirmada primeira morte do Estado por coronavírus. Um minuto de silêncio.

[Edu] Do Sofá para a cama e da cama para o sofá, pulei como um acrobata desengonçado, um trapezista epilético que se desequilibra de pensamento em pensamento, agoniado por demais com o futuro que ao vírus pertence.

26 de março

[Ana] Primeiro caso em Pelotas.

Para não surtar de novo, eu respondo em meu diário assim: Pelo direito de ter direitos, pelo direito à saúde, pelo direito à cidade, por querer fazer comum, pelo direito à escrita, pelo direito à narrativa, por amor ao experimento, por amor à experiência, pelo direito à literatura, pelo nosso lugar de poesia, pelo nosso lugar de fala, pela linha de fuga criadora que territorializa a expressão. Pela imaginação como potência do corpo. Pelo corpo como primeira morada. Por um habitar autêntico, inventivo e conectado com o grande organismo vivo que criamos – a cidade – mas também a este outro vivo, que nos precede em tempo, que nos excede em espaço, que nos criou – Gaia-Mãe-Terra – que, por capricho de uma deusa – a Física – trabalho constante de outra – a Química – possibilitou o nascimento da vida, que em grego se diz *bio*. E assim nasceram as deusas Biosfera, Biodiversidade, Biologia e Biografia. Biografia é a deusa que escreve a vida do humano. E o humano é este que aprendeu a escrever cidades. Tão logo as escreveu, passou a ser, também, escrito por elas. Então veio a Biopolítica. O humano é escrito pela cidade que o humano escreve. Como a cidade escreve você? Como você escreve a cidade? E como se não bastasse o eco que a questão deixa no espaço, podemos acrescentar outra questão para ecoar: como escrever a cidade numa quarentena?

27 de março

[Ana] 93 mortes no país, 2 no Estado. O ceifador passando e eu hoje habitei a rede de pano, ouvi os pássaros e olhei as cores. O vento era bom. A vida é estranha e rara, no dia que a Itália registrou 919 mortes. Em 24 horas.

[Edu] Sentado a manhã toda com a cara mergulhada no pixel. É isso né? Temos pensado tanto nas partículas, no micro, e de tanto pensar no micro, o micro tá mudando o macro.

[Ana] Momento Biologia. O tamanho do vírus: cada virião de SARS-CoV-2 mede aproximadamente de 50 a 200 nanômetros de diâmetro.

28 de março

[Edu] Esse isolamento, que nos dá apenas janelas e frestas para ver o mundo lá fora, não me deixou reparar que o sol entrou num espectro mais amarelado de outono. Eu saí pra fazer mercado. Foi interessante ver, depois de muito tempo, uma espécie de borboleta amarela, das grandes, que tem um vôo desengonçado e engraçado, mas muito certo. Ela parecia bem à vontade, sem ninguém por perto. A copa das árvores num tom amarelado, um verde musgo bonito, devido à seca que castiga o sul. Com ruas e mercados vazios, me senti mais seguro, mais aliviado, pois as saídas são tensas. E, na volta, se agora parece uma maluquice lavar batata por batata com sabão, lavar pacote de bolacha, botar as sacolas todas no lixo, eu sei que, depois, me sentirei feliz por não ter feito menos que isso.

A essa hora o café é servido com culpa. Acho que cai bem mesmo uma bebida espirituosa, já que hoje é sábado. Apesar de isso já não importar mais tanto.

29 de março

[Edu] Dia estranho. Foi como se nem tivesse passado.

30 de março

[Ana] Sonhei com itinerários de circulação pela cidade. Eu precisava pegar metrô e ônibus pra chegar em algum lugar. O lugar era legal, tinha coisas legais, mas não lembro o que era, talvez a vida. Acordei e estava no quarto, em quarentena.